

Carmen Lúcia Silva Lima
Márcia Leila de Castro Pereira
(Organizadoras)



REVISTA
ENTRERIOS

Programa de Pós-Graduação em
Antropologia da Universidade
Federal do Piauí

EntreRios – Revista do PPGANT -UFPI
Primeira Edição
Temática: Etnicidade e Perspectivas Etnográficas
ISSN 2595-3753
Teresina, 2018



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – DCIES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA – PPGANT
Campos Universitário Ministro Petrônio Portela, Bairro Ininga, Teresina, Piauí,
CEP 64049-550 - Tel.: (86) 3237-2152

Reitor

Prof. Dr. José Arimatéia Dantas Lopes

Vice-Reitora

Profª Drª Nadir do Nascimento Nogueira

Comissão Editorial (PPGANT - UFPI)

Alejandro Raul Gonzalez Labale
Andrea Lourdes Monteiro Scabello
Carmen Lúcia Silva Lima
Celso de Brito
Jóina Freitas Borges
Márcia Leila de Castro Pereira
Maria Lídia Medeiros de Noronha Pessoa
Mônica da Silva Araujo
Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento

Conselho Editorial

Andréa Luisa Zhouri Laschefski - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Alejandro Frigerio - Universidad Católica Argentina / CONICET
Christen Anne Smith - University of Texas at Austin (UT Austin)
Daniel Granada - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Gabriel Maria Sala - Università Degli Studi di Verona
Joana Bahia - Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UFRJ)
Laura Selene Mateos Cortez - Universidad Veracruzana - Xalapa – México (UV)
Leila Sollberger Jeolás - Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Lorenzo Macagno - Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Luis Roberto Cardoso de Oliveira - Universidade de Brasília (UNB)
Rosa Elisabeth Acevedo Marin - Universidade Federal do Pará (UFPA)

Editoras Chefas

Carmen Lúcia Silva Lima
Márcia Leila de Castro Pereira

Revisão

Os autores

Capa/ Diagramação



EntreRios – Revista do PPGANT -UFPI
Primeira Edição • Temática: Etnicidade e Perspectivas Etnográficas

Sumário

Apresentação

Carmen Lúcia Silva Lima/ Márcia Leila de Castro Pereira 7

“Cowboy anthropology”: nos limites da autoridade etnográfica

Alfredo Wagner Berno de Almeida 8

Los liderazgos wayuu y el marco jurídico del estado/nación en Venezuela

Johnny Alarcón Puentes 36

Épocas, curas e história: Anotações etnográficas sobre o tempo entre os Makuna

Luis Abraham Cayón Durán 53

Memoria social y relaciones de poder: la defensa del territorio comunal en la Sierra Zapoteca de Oaxaca, México

Salvador Aquino Centeno 71

Povos indígenas, processos identitários e etnicidade: notas sobre pesquisas em Antropologia

Política

Renato Monteiro Athias 91

Entrevista

Etnicidade e outras questões antropológicas: Entrevista com Thomas Hylland Eriksen

Carmen Lúcia Silva Lima / Márcia Leila de Castro Pereira 108

Resenha

RIAL, Carmen e SCHWADE, Elisete (orgs.), 2016. Diálogos antropológicos contemporâneos

Caroline Farias Leal Mendonça 118

APRESENTAÇÃO

O campo da Antropologia no Brasil, apesar do cenário permeado de desafios, tem se expandido significativamente, com destaque para a região Norte e Nordeste, onde atualmente é crescente o número de Programas de Pós-graduação em Antropologia. Neste contexto está inserido o Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPI, que está prestes a completar 10 anos de existência e que tem a satisfação de criar a Revista EntreRios.

Nossa pretensão é contribuir para a divulgação do saber antropológico e favorecer o diálogo entre docentes, pesquisadores e profissionais da área da Antropologia e afins, que atuam no Brasil e exterior. A Revista EntreRios vem se inserir num rol de periódicos que evidenciam a vitalidade da produção do conhecimento antropológico em nosso país. Este número inaugural confirma bem essa nossa pretensão.

O nome EntreRios foi uma escolha que revela quem somos e o lugar sócio geográfico de onde falamos: Teresina – a mesopotâmia do Nordeste. A capital piauiense, cidade verde cortada pelos rios Parnaíba e Poti, que se unem, formando um único leito que desagua no Oceano Atlântico. Este encontro produz um cenário de grande beleza. Cidade planejada pelo Conselheiro José Antônio Saraiva, ela foi geometricamente criada com ruas retas e paralelas entre si, partindo do Parnaíba em direção ao Rio Poti. Que este periódico seja fecundo e tenha muita vitalidade, assim como os rios que o nomeia.

O primeiro artigo “*Cowboy Anthropology*”: *nos limites da autoridade etnográfica* é uma contribuição do renomado Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEA/UFAM/UEMA). A pesquisa do autor se desenha a partir da reflexão das condições de possibilidades e a modalidade de antropologia que se imagina mais apropriada e crítica mediante as pressões sociais. Segundo ele, as respostas aos problemas se tornaram difíceis e estão a exigir, portanto, “novas” formas de abordagem, “novas” modalidades de percepção dos objetos, “novas” posições e procedimentos relativos ao trabalho de campo e, portanto, condições de possibilidades apropriadas para uma “nova descrição”. As reflexões do autor nos levam a pensar na redefinição do que seja a prática do antropólogo na atualidade e conseqüentemente os obstáculos mais significativos à produção antropológica.

Em *Los liderazgos Wayuu y el marco jurídico del Estado/Nación em Venezuela*, Johnny Alberto Alarcon Puentes (Universidade de Zulia – Venezuela) reflete sobre re/definições e negociações culturais empreendidas pelos Wayuu, povo indígena de filiação linguística arawak, que habita o departamento de La Guajira, na Colômbia, e no estado Zulia, na Venezuela. O autor utiliza a análise documental e a etnografia; faz uso, ainda, das teorias da Antropologia Política para refletir sobre a relação de contato dos wayuu e a sociedade hegemônica. Ele reflete sobre a dinâmica jurídica e as instituições do Estado/nação e conclui que o reconhecimento jurídico das culturas indígenas é insuficiente, pois eles permanecem discriminados e subjugados pelas imposições estatais. Adverte sobre a necessidade do diálogo intercultural que permita o respeito à especificidade dos wayuu.

Luis Abraham Cayón Durán (Universidade de Brasília) autor de *Épocas, curas e História – Anotações etnográficas sobre o tempo entre os Makuna*, analisa o tempo cíclico da sucessão sazonal a partir do seu material sobre os Makuna, ou Gente de Água (*Ide masã*) que, atualmente, habitam as selvas do departamento do Vaupés na Colômbia - a aproximadamente 150 km da fronteira brasileira -, principalmente nos rios Apaporis, Pirá-paraná, Toaka e Komeña. Eles pertencem à família linguística Tukano oriental que se localiza na zona central do Noroeste amazônico, entre as bacias dos rios Uaupés e Apaporis, assim como em uma parte do alto rio Negro e seus afluentes no Brasil. Nessa direção, segundo aportes do autor, este artigo tem o objetivo de apresentar um esboço etnográfico da relação entre tempo e cosmologia para os Makuna, ressaltando suas conexões com o xamanismo, o espaço e a noção de pessoa, para demonstrar que metodologicamente estas categorias podem ser estudadas de maneira análoga, e a partir disso, indagando os modos como os Makuna constroem o tempo e sua consciência histórica. É nesse aspecto que o autor assinala a formação de um sistema multiétnico de geografia xamânica que define, por vinculação de origem, a identidade de todos os grupos que compartilham o macro território.

Memória social y relaciones de poder: la defensa del territorio comunal em la Sierra Zapoteca de Oaxaca foi escrito por Salvador Aquino Centeno, (Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social - CIESAS, Oaxaca, México). O autor tem se dedicado, nos últimos tempos, em debater questões relacionadas ao Estado e Capitalismo Global, recursos naturais, etnicidade, direitos históricos dos povos indígenas, memória social e representações do passado. Nesse artigo que agora publicamos, o autor sublinha que o governo federal e empresas de mineração desenharam um novo programa de extração de minerais em terras comunais de Capulálpam. Nesse aspecto, seu estudo versa também sobre a memória social como um espaço de luta política onde os sujeitos contestam e questionam as práticas estatais que buscam subsumi-los em práticas disciplinares dirigidas a seus espaços e vidas.

O último artigo, *Povos indígenas, processos identitários e etnicidade: notas sobre pesquisas em Antropologia Política*, de autoria de Renato Monteiro Athias (PPGA da UFPE), apresenta uma sistematização da produção acadêmica sobre identidade étnica, etnicidade e relações interétnicas elaborada nas últimas décadas pelos pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Etnicidade (NEPE), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. A análise efetivada, segundo o autor, tem a pretensão de contribuir com o debate sobre o tema, fornecendo elementos que subsidiem a discussão no âmbito da etnologia indígena em nosso país.

Seguindo, temos a entrevista gentilmente cedida por Thomas Hylland Eriksen (Universidade de Oslo - Noruega), antropólogo de grande projeção no mundo atual e uma referência para os estudos de etnicidade. De acordo com Roberto Cardoso de Oliveira, Eriksen tornou mais sensível e sofisticada a clássica formulação teórica de Barth presente em *Grupos étnicos e suas fronteiras*. Vejamos no que consiste a teoria de Eriksen, para entender o elogio feito por Cardoso de Oliveira. A etnicidade foi definida por meio de dois aspectos: a) propriedade de uma formação social e um aspecto de interação e b) diferenças étnicas envolvem diferenças culturais que tem um impacto comparativamente variável sobre as relações sociais. Além disso, ele defendeu a necessidade de atenção à relação entre cultura, história e etnicidade, que nos permite superar o equívoco da crença de total liberdade dos sujeitos na construção de identidade étnica. O autor evoca igualmente a importância de considerar o contexto das interações, que recorrentemente é

desconsiderado nas abordagens que privilegiam exclusivamente os processos.

Ele afirma que etnicidade se refere ao relacionamento entre coletividades que se consideram ou são consideradas culturalmente distintas. Significa que grupos podem possuir a mesma forma cultural, contudo, na medida em que se considerem distintos, eles agirão de modo a fundamentar esta diferenciação. Grupos podem ser culturalmente diferentes sem desenvolver relações interétnicas, pois isso ocorre quando existe a consciência da distinção necessária para a constituição da etnicidade.

Na entrevista concedida, Eriksen aborda etnicidade e discorre sobre outros temas e questões que fazem parte da sua trajetória profissional. Revela sua capacidade intelectual e sensibilidade para refletir temas de grande relevância tais como a globalização e suas crises e o lugar e a contribuição do conhecimento antropológico no mundo atual.

Para finalizar, Caroline Farias Leal Mendonça (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira) nos apresenta a resenha do livro *Diálogos antropológicos contemporâneos*, organizado por Carmen Rial e Elisete Schwad e publicado em 2016, pela Associação Brasileira de Antropologia. Trata-se de uma coletânea de artigos que refletem sobre a antropologia e seus dilemas, desafios e as perspectivas que se apresentam diante dos processos de expansão e transformação da Antropologia no Brasil.

Aos leitores desejamos uma proveitosa leitura da revista *EntreRios*. Que os conhecimentos partilhados nesta publicação possam nos ajudar a aprimorar a nossa prática enquanto profissionais da Antropologia e que favoreça o diálogo e a construção de respostas eficazes para as questões que nos interpelam.

Carmen Lúcia Silva Lima/ Márcia Leila de Castro Pereira

Editoras Chefas